

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DOS ATORES ENVOLVIDOS NA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE ZOOARTESANATO EM RECIFE, PERNAMBUCO – BRASIL.

Marcos Souto Alves¹, Maria Aparecida da Silva, Stefane de Lyra Pinto¹

¹Universidade Federal Rural de Pernambuco, Laboratório de Invertebrados Marinhos e Limnéticos, Departamento de Biologia – Área de Zoologia – Rua Dom Manoel de Medeiros, s/n Dois Irmãos, 52.171-900, Recife, PE m.souto@db.ufrpe.br; s.lyra@db.ufrpe.br.

RESUMO

Na costa de Pernambuco o artesanato produzido utilizando animais como matéria prima, revela a diversidade e riqueza do ecossistema litoral da região nordeste. Este trabalho teve como objetivo estabelecer o perfil sócio-econômico dos produtores, comerciantes e consumidores finais do zooartesanato na cidade do Recife, bem como seus respectivos graus de conhecimento sobre as questões ecológicas que envolvem esta atividade econômica. A obtenção dos dados realizou-se através de entrevistas aos comerciantes, artesãos e consumidores finais com questionários previamente elaborados na forma de abordagem pessoal nos principais pontos de comercialização de artesanato. A produção de zooartesanato envolve a participação de vários membros da família e representa a única ou principal fonte de renda, com forte tradição hereditária ao longo das diversas gerações. Na percepção de todos entrevistados a relação entre o zooartesanato e a ecologia está ligada apenas ao fato das peças retratarem o litoral nordestino. Este trabalho sugere que os órgãos de apoio aos artesãos, busquem alternativas no sentido de encontrar outras fontes de produção que não ponham em risco a biodiversidade da macrofauna marinha nordestina.

Palavras-chaves: artesanato, macrofauna marinha, zoologia econômica.

ABSTRACT

Socioeconomic profile of the actors involved in the production and commercialization of the zoohandicraft in Recife, Pernambuco – Brazil.

In Pernambuco's coast the handicraft production using animals as raw material exhibit the biodiversity and richness littoral ecosystem of the Northeast region. The aim of this work was to know the socioeconomic profile of the producers, traders and final consumers of the zoohandicraft in the Recife city as well as yours respective knowledge grades on the ecological questions that involve this economic activity. Data were obtained through interviews with of the workmanships, traders and buyers of the zoohandicraft using questionnaires previously developed in the main handicraft commerce points. The zoohandicraft production engages several members of the family and represented the only or main economic source, with strong familiar hereditary tradition. On the perception of the people interviewed about zoohandicraft and ecology is related only to the fact that objects show Northeast littoral natural beauties. This work suggests that the public organ should offer other alternatives for handicraft productions that take no risk to the Northeast marine macrofauna.

Key words: handicraft, marine macrofauna, economic zoology.

INTRODUÇÃO

Artesanato é qualquer objeto comercializável, fruto de um trabalho predominantemente manual, feito com a ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em temática popular e utiliza a matéria-prima local ou regional. Para se inserir na categoria artesanato, então, o objeto necessita ainda: ser produzido na casa do próprio artesão ou em alguma cooperativa, englobar um número reduzido de peças, ser proveniente de concepção e execução individual, familiar ou grupal, e ter sido elaborado sob o regime de não assalariamento (Vainsencher, 2006). Lima & Azevedo (1982) apresentam um conceito semelhante, e definem artesanato como uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou em pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, com equipamento rudimentar, na qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou habilidade individual e em que o agente produtor participa, diretamente, de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto.

Segundo Vainsencher (2006), o artesão é definido como sendo aquele indivíduo que produz objetos manualmente, sem utilizar moldes repetitivos e usando matéria prima regional. O objeto criado, por sua vez, deve transmitir aspectos da cultura regional e exprimir originalidade étnica e geográfica.

O termo zooartesanato designa toda e qualquer forma de artesanato que utiliza animais ou parte destes como matéria-prima para a sua confecção (Alves *et al.*, 2006). O zooartesanato vem se firmando como atividade da economia geradora de trabalho e renda, muitas vezes caracterizada pela informalidade, cuja cadeia produtiva envolve os artesãos e os pequenos comerciantes de artesanato no Recife. Peças artesanais produzidas com matéria-prima animal são facilmente encontradas em quantidade considerável nos tradicionais pontos turísticos desta cidade.

Avaliações científicas que enfoquem a produção, o comércio e o consumo de zooartesanato no estado de Pernambuco bem como sobre os impactos antrópicos sobre a

macrofauna empregada nesta atividade comercial são muito incipientes.

Alves *et al.* (2006) através de um levantamento sobre as espécies de animais utilizadas para a confecção de zooartesanato na cidade de Recife, PE, registraram um total de 28 espécies distribuídas em quatro Filos: Cnidaria, Mollusca, Arthropoda e Echinodermata, dentre as quais, algumas incluídas na Lista Nacional das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes em Extinção do Ibama. Segundo os autores *op. cit.*, algumas espécies normalmente comercializadas, tais como *Strombus goliath* Schröter, 1805, *Panulirus argus* Latreille, 1804 e *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) encontram-se na lista como espécies sobreexploradas e *Oreaster reticulatus* (Linnaeus, 1758) é mencionada como espécie em extinção.

Contudo, praticamente não existem levantamentos sobre os atores envolvidos nesta atividade comercial. Desta forma, este trabalho teve como objetivo, estabelecer o perfil sócio-econômico dos produtores, comerciantes e consumidores finais do zooartesanato na cidade do Recife, bem como avaliar o grau de conhecimento destes, sobre as questões ecológicas que envolvem esta prática.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado no período de outubro de 2001 a setembro de 2002. A obtenção dos dados para análise do perfil sócio-econômico e do nível de conhecimento ecológico foi realizada através de entrevistas com os artesãos, comerciantes e consumidores finais com questionários específicos para cada grupo, previamente elaborados, e através de depoimentos espontâneos colhidos durante a entrevista.

O questionário aplicado aos comerciantes constou de dados pessoais, tais como estado civil, grau de escolaridade, número de filhos e renda mensal; informações sobre o comércio de zooartesanato, tais como número de funcionários, números de peças disponíveis para a venda, número médio de compradores por dia; e nível de conhecimento ecológico, onde se indagou sobre o significado do termo zooartesanato e se havia relação entre as peças

zooartesanais e ecologia. Evitou-se, na medida do possível, o uso de termos técnicos e também o questionamento direto sobre a Lei sobre o Decreto Estadual nº 21.972 de 1999 que proíbe a extração de fauna e flora na zona de recifes e plataforma continental de todo litoral sul de Pernambuco, bem como, a coleta, transporte e comercialização de peixes ou outros organismos de características ornamentais, para não inibir ou intimidar o entrevistado, que demonstra insegurança e confunde a atividade de pesquisa com fiscalização. Procurou-se através dos depoimentos espontâneos colher informações sobre o conhecimento da legislação.

O questionário aplicado aos consumidores constou de informações pessoais e questões ecológicas semelhantes aquele aplicado para os comerciantes e acrescentou-se perguntas sobre a periodicidade de viagem, o tipo de hospedagem, hábito ou costume de comprar artesanato, a destinação das peças adquiridas e se havia preferência por algum tipo ou estilo de produto artesanal. Para estes foram, também, apresentados fotos de objetos artesanais de diferentes estilos e materiais para verificar se havia alguma restrição às peças confeccionadas com animais ou partes destes.

Para o produtor elaborou-se um questionário semelhante aos demais no tocante as informações pessoais e conhecimento ecológico, acrescentando-se perguntas mais específicas sobre a atividade profissional. O questionário contemplou informações sobre sua vinculação a algum órgão de classe, tempo que exerce a atividade artesanal, aprendizagem do ofício, jornada, local e grupo de trabalho, origem das matérias-primas utilizadas, destinação do produto e atores envolvidos na comercialização.

Com base nas informações obtidas na Empetur – Sebrae/Pe (1998), foram selecionados tradicionais pontos de venda de artesanato em Recife, tais como: a Casa da Cultura, o Mercado de São José, o Terminal Rodoviário Antônio Farias – TAF e a Feira de Arte Artesanato da Praça de Boa Viagem, devido ao grande fluxo de turistas que circulam nestes locais. Os comerciantes entrevistados foram escolhidos aleatoriamente por meio de sorteio. Foram sorteados dez estabelecimentos comerciais em cada ponto de venda, totalizando 40 entrevistados.

Os consumidores finais foram escolhidos aleatoriamente, em número de cinco, em cada uma das 40 lojas visitadas, totalizando 200 entrevistados, abordados ao saírem dos estabelecimentos comerciais. Em determinado ponto da entrevista eram mostradas ao consumidor final 26 fotos de diversos tipos de peças artesanais, dentre estas, vários modelos de zooartesanato, com a finalidade de saber se ele estabelecia alguma relação do zooartesanato com a ecologia e a conservação ambiental.

Os artesãos fornecedores das peças artesanais foram identificados e localizados através das informações fornecidas pelos comerciantes, totalizando dez entrevistados.

RESULTADOS

De acordo com os depoimentos colhidos entre os comerciantes, foi possível verificar que 25% desses estabelecimentos apresentam faturamento médio mensal entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00, 20% de R\$ 1.001,00 e R\$ 1.500,00, 5% entre R\$ 1.501,00 e R\$ 2.000,00, 20% entre R\$ 2001,00 e R\$ 3.000,00 e 10% faturam acima de R\$ 3.001,00 mensais, 20% dos entrevistados não declararam o faturamento.

Quanto ao estado civil dos entrevistados, 75% são casados, 20% são solteiros e 5% são divorciados; 75% do universo pesquisado responderam que possuem filhos.

No que se refere ao grau de escolaridade, 65% dos entrevistados declararam que possuem ensino médio completo, 25% possuem formação fundamental e apenas 10% possuem terceiro grau.

Com relação ao gênero, foi possível observar que houve uma predominância do sexo feminino de 70%, contra 30% do sexo masculino. Quanto à profissão, apenas 5% dos entrevistados afirmaram exercer uma outra atividade profissional paralela ao comércio do artesanato.

Quando indagados sobre o número de pessoas que trabalham no estabelecimento comercial verificou-se que 45% dos entrevistados possuem um funcionário, 15% possuem dois funcionários, 10% possuem três funcionários e em 30% apenas os donos trabalham nos estabelecimentos.

No que se refere ao número de consumidores por dia nesses estabelecimentos, 75% afirmaram que atendem em média de 10 a 20 consumidores, 15% atendem de 21 a 30 consumidores e apenas 10% afirmaram que atendem de 41 a 50 consumidores.

Quando indagados sobre a relação zooartesanato e a ecologia, 65% dos entrevistados citaram que a obra retrata o litoral nordestino, 10% comentaram que a obra descreve os seres vivos e a natureza, 5% mencionaram uso de animais para a confecção das peças e 20% afirmaram não haver qualquer relação. Os comerciantes não souberam definir o termo zooartesanato em 80% dos casos.

Os comerciantes informaram que não faziam estoque em 70% dos casos e 30% afirmaram fazer estoque principalmente das peças mais vendidas.

Em relação aos consumidores finais, a região de origem dos entrevistados teve a seguinte distribuição: 55% eram do nordeste, 25% do sudeste, 10% do sul, 5% centro-oeste e 5% eram do norte do Brasil. Nenhum comprador estrangeiro foi entrevistado.

O motivo da estadia no Recife para 90% dos entrevistados foi passeio e apenas 10% declararam que estavam a trabalho. A frequência com que costumam viajar é de uma vez por ano para 65% dos entrevistados, raramente para 20%, duas vezes ao ano para 10% e três vezes ao ano para 5% dos entrevistados. O local de hospedagem também foi alvo de investigação nesta pesquisa, e o mais citado foi hotel com 40% das respostas, casa de parentes ou amigos apresentou 25% das respostas, casa própria 20% e pousada apenas 15%.

Em relação à renda mensal dos consumidores finais, 15% possuem renda entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00, 25% entre R\$ 1.001,00 e R\$ 1.500,00, 35% entre R\$ 1.501,00 e R\$ 3.000,00 e 5% com rendimento superior a R\$ 3.001,00, 20% dos entrevistados preferiram não declarar sua renda mensal. Quanto ao estado civil, 55% são casados, 40% solteiros e 5% divorciados, dentre estes 55% não possuem filhos.

Quanto ao grau de escolaridade 55% dos consumidores entrevistados possuem terceiro

grau completo, 40% o ensino médio e 5% possuíam apenas a formação fundamental.

O hábito de comprar artesanato é comum para 90% dos entrevistados. Quando indagados sobre a finalidade do artesanato adquirido, 50% responderam ser para presentes, 10% para uso próprio e 40% para ambos. De acordo com os depoimentos foi possível verificar que 75% dos entrevistados já compraram pelo menos uma peça de zooartesanato durante sua passagem pela cidade do Recife e 25% responderam que não compraram.

Sobre a relação entre zooartesanato e ecologia, após olharem as fotos de diversos tipos de artesanato, 55% responderam que as peças lembram o litoral nordestino, 15% citaram que as peças descrevem os seres vivos/natureza, 10% citaram o uso de animais para confecção das peças, 5% citaram a captura e morte desses animais e 15% afirmaram não haver qualquer relação. Os consumidores finais definiram com clareza o termo zooartesanato em 85% dos casos.

Acerca da relação entre ecologia e as peças zooartesanais, destacamos alguns trechos de depoimentos:

“... essas conchas lembram o mar, as praias e são muito bonitas, (...) adoro coisas que vem da natureza...”.

Compradora entrevistada no Mercado de São José, Recife, PE.

“...não gosto da idéia de matar animais para fazer objetos, porque muitos deles estão em extinção, mas no caso dos mariscos e búzios, não tem esse problema...”.

Consumidora final entrevistada na Casa da Cultura, Recife, PE.

Houve dificuldade em localizar os artesãos, já que a maioria dos comerciantes alegava não conhecer o endereço ou saber a procedência das peças, nem como entrar em contato com os mesmos. A única informação era que os fornecedores passavam uma vez por semana para oferecer suas peças artesanais, geralmente nos fins-de-semana, desta forma, apenas 10 foram entrevistados. Os artesãos

entrevistados, de uma maneira geral, são pessoas com baixo grau de escolaridade: 70% com ensino fundamental, 20% com ensino médio e apenas 10% com terceiro grau completo ou incompleto.

Quanto à renda mensal, 50% dos artesãos entrevistados declararam possuir renda entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00, 20% entre R\$ 1.001,00 e R\$ 1.500,00 e 30% não quiseram declarar. Considerando o estado civil, 70% dos artesãos declararam serem casados, 20% solteiros e 10% divorciados. O número de filhos declarados variou entre 3 ou 4 em 40% das respostas, 5 ou 6 em 30% e, 30% não possuem filhos.

O local de produção do zooartesanato se restringe à própria residência para 70% dos entrevistados e a combinação entre a residência e o local de venda para 30%. Em seguida, o material produzido é levado pessoalmente para venda direta ao comerciante em 60% dos casos, e 40% declararam realizar venda direta ao consumidor final, com lucro entre 80% e 100% em todas as peças. Quanto à procedência do consumidor para venda direta, 70% citou a população local e 30% turistas no período de alta estação.

A jornada de trabalho é de oito horas por dia para 70% dos entrevistados, de quatro a cinco horas para 20% e duas a três horas para 10%. Todos entrevistados afirmaram reservar dois ou três dias por semana para a venda de suas peças. O tempo de exercício da atividade artesanal foi citado como desde a infância ou adolescência para 80% dos entrevistados e apenas 20% citaram ser uma atividade mais recente, em média há 10 anos. Os artesãos possuem idade média de 50 anos. O aprendizado desta atividade se deu por intermédio dos pais ou parentes para 50%, em entidades ou instituições para 30% e 20% dos entrevistados declararam ser autodidatas.

Em relação a fauna utilizada para a produção zooartesanal, os artesãos declararam utilizar diversos tipos de conchas de mariscos e caracóis, o conhecimento empírico permite uma identificação tipológica, mesmo sem o conhecimento da identificação taxonômica, de tal forma que alguns chegam a mencionar, mesmo sem precisão, o número de “tipos” utilizados, inclusive com a denominação popular. Os

Cnidaria são mencionados como “coral”, os Crustacea foram designados como “caranguejo” e “lagosta” e o Echinodermata denominado de “estrela-do-mar”. Porém, o número de espécies identificadas na composição do zooartesanato nos estabelecimentos comerciais (ALVES *et al.*, 2006) é bem maior que o número de espécies efetivamente declarado e isso provavelmente se deve ao desconhecimento dos critérios para identificação taxonômica.

A aquisição da matéria-prima em 50% dos casos é através de compra diretamente dos pescadores e 20 dos entrevistados declararam fazer pessoalmente a catação. Os locais da coleta citados foram a praia do Pina, Recife, PE e o Canal de Santa Cruz, Itamaracá, PE. As conchas de mariscos utilizadas como matéria-prima são compradas em sacos de estiva grandes com preço entre R\$ 8,00 e R\$ 10,00 para 80% e sacos pequenos ao custo R\$ 2,00 para 20 % dos entrevistados.

As questões ecológicas apresentaram respostas unânimes entre os artesãos entrevistados, que declararam não terem conhecimento da época de reprodução dos animais utilizados na confecção do zooartesanato e nunca perceberam queda na quantidade desses animais. Das respostas dos artesãos destacamos o que segue:

“(...) essas conchas tem demais no mar, não se acaba não, é tirando e nascendo mais (...)”.

Artesão da cidade do Recife, comentando sobre as questões ecológicas abordadas na entrevista.

“... eu não sei quando é o tempo de reprodução desses marisco não. A senhora tá fazendo fiscalização é? Eu tô ocupado...”

Artesão da cidade do Recife, comentando sobre as questões ecológicas abordadas na entrevista.

DISCUSSÃO

O artesanato disponível para comercialização nos principais centros turísticos do município de Recife, apresenta um grande número de peças confeccionadas com animais ou de partes destes de procedência marinha e terrestre. Várias peças de zooartesanato são confeccionadas com espécies que constam na Lista Nacional das Espécies de Invertebrados Aquáticos e Peixes em Extinção do IBAMA, anexo I da Instrução Normativa nº 5 de 21 de maio de 2004, como sobrexplotadas, tais como: *Strombus goliath*, *Strombus gallus*, *Cassis tuberosa*, *Vasum cassiforme*, *Panulirus argus* e *Ucides cordatus* ou em extinção, como a estrela-do-mar *Oreaster reticulatus*, devido à captura intensa para comércio local, envio a outros estados sem qualquer tipo de registro ou controle ou para confecção de zooartesanato (ALVES *et al.*, 2006). Mesmo com a legislação em vigor, não existe fiscalização pelos órgãos competentes e a comercialização de artesanato utilizando matéria-prima animal é livre e indiscriminada em todos os pontos de venda pesquisados.

As conchas e animais comercializados *in natura* são, na maioria das vezes, capturadas pelos pescadores artesanais ligados a colônias de pesca do litoral de Pernambuco. Esses animais são entregues diretamente aos comerciantes ou fornecidos aos artesãos para manufatura de peças artesanais. A desinformação é apontada como o principal motivo da manutenção desta atividade nos três segmentos pesquisados artesãos, comerciantes e consumidores finais. Nenhum dos entrevistados mostrou conhecimento sobre o Decreto Estadual nº 21.972 de 1999 que proíbe a extração de fauna e flora na zona de recifes e plataforma continental de todo litoral sul de Pernambuco, bem como, a coleta, transporte e comercialização de peixes ou outros organismos de características ornamentais.

Os resultados sugerem que esta atividade comercial, geralmente mantida na total informalidade, movimenta cifras consideráveis, e garantem a manutenção de muitas famílias, visto que, não apenas envolve os proprietários dos estabelecimentos comerciais, mas também se caracteriza como gerador de emprego e renda.

A relação entre o zooartesanato e a ecologia na percepção da maioria dos comerciantes está ligada ao fato das peças retratarem o litoral nordestino. Os comerciantes não souberam definir o termo zooartesanato na maioria dos casos. Embora 65% dos entrevistados reconheçam as peças artesanais como manifestação da cultura local e identifiquem a valorização das belezas naturais da cidade, poucos compreendem o significado da exploração comercial da fauna como ameaça a biodiversidade animal.

Dentre os compradores entrevistados, 85% conseguiram responder satisfatoriamente o significado do termo zooartesanato, mesmo se tratando de um neologismo relativamente recente, por dedução, o prefixo “zoo” foi imediatamente relacionado a animal. Este resultado reflete o maior nível de escolaridade formal e nível de conhecimento geral dos consumidores. Contudo, de acordo com os resultados obtidos, 75% dos entrevistados já compraram pelo menos uma peça de zooartesanato durante sua passagem pela cidade do Recife e 25% responderam que não compraram. Os turistas, apesar de apresentarem nível de escolaridade e renda *per capita* superior aos demais segmentos analisados, são os potenciais mantenedores da atividade comercial de produção e comercialização de zooartesanato em Recife. A maioria declarou que compram artesanato confeccionado com animais para presentear ou para consumo próprio. Apenas 5% dos entrevistados relacionaram as peças zooartesanais com a prática de captura e morte dos animais e 15% afirmaram não haver qualquer relação entre as peças apresentadas e as questões ambientais. Os consumidores ratificam a opinião dos artesãos, que o zooartesanato é uma das expressões artísticas que mais caracterizam a tradição e a cultura regionais. Nos estabelecimentos comerciais é comum encontrar peças zooartesanais com a inscrição “Lembrança de Recife” o que instiga o desejo de levar “um pedacinho do lugar” e, diante deste forte apelo comercial e emocional, as questões ambientais tendem a se tornar irrelevantes.

Os artesãos que utilizam matéria-prima animal para a confecção de suas peças

possuem baixo grau de escolaridade formal, o que explica a falta de organização da cadeia produtiva, visto que não há planejamento ou regularidade de produção nem estratégias de venda compatíveis com o esforço de trabalho. Segundo a Prefeitura da Cidade do Recife (2001) é consenso que esta variável interfere no comportamento do empreendedor/artesão, com reflexos no exercício da atividade, tanto no que diz respeito às questões mais administrativas como na relação de estratégias para desenvolver o negócio. Todos afirmaram trabalhar só com a família e não serem filiados a nenhuma entidade ou cooperativa. MARTINS (1979) afirma que os sistemas de comercialização mais vantajosos para os artesãos são as cooperativas ou associações, alargando-se a área comercial, com intercâmbio de peças de um lugar para outro, e que deve abranger todas as formas artesanais.

A produção artesanal se mostrou como a única ou principal fonte de renda das famílias, que possuem em sua maioria, três ou quatro filhos. Trata-se de uma atividade essencialmente familiar, caracterizada pela tradição hereditária – um ofício passado de geração à geração. O tempo de exercício da atividade artesanal foi citado por 80% dos entrevistados como iniciado desde a infância ou adolescência até a fase adulta, com média de idade superior a 50 anos, o que caracteriza esta atividade autônoma como redutora do efeito do desemprego para esta faixa etária. O local de produção se restringe à própria residência e a confecção das peças é realizada com a participação da família, com uma jornada de trabalho de 8h por dia. Esses dados corroboram com os dados do SEBRAE-PE (2000), em que destaca a importância sócio-econômica da atividade artesanal que proporciona o sustento do artesão e de seus familiares, visto que a maioria depende exclusivamente do artesanato como forma de subsistência.

Observou-se que os fabricantes de zooartesanato dedicam-se exclusivamente a confecção de peças com matéria-prima animal, desconsiderando a possibilidade de trabalhar com outros recursos naturais ou com matérias sintéticas. Os principais argumentos são a falta de experiência com outros materiais, o custo final das peças, o interesse do turista em adquirir

um *souvenir* que retrate a natureza local e, sobretudo, a quebra da tradição familiar.

De acordo com Alves *et al.* (2006) os bivalves *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin, 1791), *Tivela mactroides* (Born, 1778), *Iphigenia brasiliiana* (Lamarck, 1818), *Lucina pectinata* (Gmelin, 1791), *Anadara ovalis* (Bruguiere, 1789), *Crassostrea rhizophorae* (Guilding, 1828), e os gastrópodos *Neritina virginea* (Linnaeus, 1758), *Bulla striata* (Bruguiere, 1792), *Cypraea aciculares* Gmelin, 1791, *Olivella minuta* (Link, 1807), *Strombus gallus* Linnaeus, 1758, *Strombus pugilis* Linnaeus, 1758, entre outras espécies de moluscos, são largamente utilizados na confecção de zooartesanato. Essas conchas são adquiridas a baixo custo em quantidades expressivas. A catação, na maioria dos casos, é de conchas vazias, porém, muitas vezes o animal é capturado vivo e as partes moles são desprezadas para a comercialização da concha.

Não existem pesquisas científicas que avaliem o grau de impacto ambiental decorrentes da exploração desses recursos naturais, desta forma, estes resultados sugerem que os órgãos de apoio aos artesãos devem criar alternativas de produção de artesanato que não ameacem a diversidade da macrofauna marinha de nosso litoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, M.S.; Silva, M.A.; Melo júnior, M.; Paranaguá, M.N. & Pinto, S.L. 2006. Zooartesanato comercializado em Recife, Pernambuco, Brasil. Revista Brasileira de Zoociências 8 (2): 103-113.

Empresa Pernambucana de Turismo - Empetur & Serviço Brasileiro de Apoio Às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae-Pe. 1998. Inventário do potencial turístico de Pernambuco: Recife. Recife, 121 p.

Lima, A.A.M. & Azevedo, I.M. 1982. O artesanato nordestino: características e problemática atual. In: Bnb – Etene. Séries Estudos Econômicos e Sociais. Fortaleza, Ministério do Interior, 210p.

Martins, S.A. 1979. Artesanato nordestino. Documento – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, ano 1, n. 3, nov. Disponível em: <<http://www.folclore.art.br/artnorde.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2006

Prefeitura da Cidade do Recife. 2001. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Diagnóstico dos empreendimentos: Praça de Boa Viagem. 17p.

Sebrae – Pe. 2000. Perfil do Artesanato em Pernambuco. Recife. 14p.

Vainsencher, S.A. 2006. Artesanato do Nordeste do Brasil. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br> acesso em: 27 dez. 2006.